

## A CIRCULARIDADE DOS MOLEQUES, IMPRENSA E A DISPUTA PELO ESPAÇO PÚBLICO (RIO GRANDE DO SUL, SÉCULO XIX)

JOSÉ RICARDO MARQUES RESENDE JÚNIOR<sup>1</sup>;  
JONAS MOREIRA VARGAS<sup>2</sup>

<sup>1</sup>UFPEL – [josericardoresendejr@gmail.com](mailto:josericardoresendejr@gmail.com)

<sup>2</sup>UFPEL – [jonasmvargas@yahoo.com.br](mailto:jonasmvargas@yahoo.com.br)

### 1. INTRODUÇÃO

Durante os Oitocentos a rua resguardava um caráter sinuoso, que mesmo com a presença estatal da seguridade e do monopólio da violência, nas cidades policiadas, que assim eram para amenizar o medo branco da sensação de perigo e incerteza. Esse profano corpo encantado das ruas, de espírito dúbio, formava um ambiente que flertava com aspectos da imoralidade, nutridos pelas concepções de vadiagem, da prática de ofensas e delitos. Para a população infanto-juvenil, essa questão estava relacionada à existência de centenas de meninos e meninas que, mesmo ligados à família, mestres de ofício ou senhores (no caso de escravos), faziam das ruas o espaço de trabalho, de divertimento, de peraltices, de jogos e brincadeiras. Ao lado das prostitutas e dos indivíduos sem eira nem beira, os moleques vadios eram vistos com desprezo e hostilidades pelos bem nascidos (FRAGA FILHO, 1996, p.111)

Uma citação do jornal *Chronica* relatando a procissão do Senhor dos Passos até a igreja matriz, nos ajuda a elucidar essa ideia “la o povo com fartura, e como a noite é de todos, os gatos são pardos, mas antes são pretos, os moleques metiam-se entre a gente branca e os rapazes brancos, queriam passar por moleques, coisa que me metia pena” (CHRONICA, 1853, p.10). Portanto, havia um incômodo das pessoas bem nascidas quanto à circularidade dos moleques pobres nas ruas. Para Gilberto Freyre (1990), o aspecto prisional dos sobrados oitocentistas, protegidos por cães ferozes, portões, muros altos e encimados por afiados pedaços de vidro, deveu-se à intenção de preservar a família patriarcal urbana, da plebe da rua: os sedutores, os ladrões e sobretudo, os moleques (FREYRE, 1990, p.205).

Segundo Reis (1991, p.111) o termo moleque era empregado para identificar negros jovens. Os moleques, protagonistas na presente pesquisa, estão aqui categorizados a partir de uma interpretação marcada pela intersecção entre raça, idade e condição jurídica. Devido a forma com que se estruturou seus vínculos de ofício (ou a falta deles), seja pela faixa etária, ou pela “peraltice” tão característica da juventude, esses jovens circulavam quase que livremente pelas ruas, praças, campos e becos, gerando assim uma reação na opinião pública que é relatada na imprensa no decorrer do século XIX. Sendo assim, o objetivo do trabalho resume-se a uma análise desses discursos construídos acerca da juventude negra durante os Oitocentos, no extremo sul do Império do Brasil e quais suas consequências.

### 2. METODOLOGIA

Youssef (2016), realizou uma análise meticulosa dos jornais publicados no Rio de Janeiro entre 1822 a 1850 para reavaliar afirmações que defendem a inexistência de um debate público sobre o comércio dos escravos e do cativo nos jornais ao longo da primeira metade do século XIX. A imprensa é uma das

principais ferramentas de pesquisa de historiadores e historiadoras dos Oitocentos, para a presente pesquisa realizamos uma análise qualitativa dos jornais mais tradicionais do extremo sul do Império, contextualizando o discurso com os debates públicos que envolviam a circularidade das comunidades negras, com enfoque na questão da juventude (aqui entendida entre 9 e 14 anos), devido a isso, utilizamos a palavra chave “moleque” para conduzir a investigação a partir dos dados publicamente disponíveis na Hemeroteca Digital.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os moleques e crioulos divertiram-se a seu gosto: atropelaram senhoras, passavam por cima de crianças, riam e davam pinotes, breve se achavam no quinto céu da felicidade (...) Grandes fardões lhe diziam “atrás!” arregalavam os membros da Irmandade, seus olhos multi-cores, foi preciso seus irmãos de ópa meter bico no negócio e então obedeceram. **Parece incrível: os moleques tem mais medo das tochas, do que das espadas policiais:** é pela estupidez que os caracteriza. (CHRONICA PORTO ALEGRE, 20 mar. 1853, p.10-14 – grifo nosso)

Não eram incomuns tais peraltices à presença dos moleques nas festanças de dias santos. Nas comemorações de virada do ano 1859, ocorria na missa do galo, realizada na igreja matriz de Pelotas um escândalo relatado pelo jornal Brado do Sul, orquestrado pela malandragem e fanfarra de um grupo de moleques.

“Nos anos anteriores, presenciemos alguns escândalos, mas não foram eles tão patentes e tão descarados como o presente. Na porta que a sacristia passa para a igreja, vimos meia dúzia de moleques (é verdade que eram moleques de luvas e casaca) de tal maneira apertar uma mulher, que quis entrar, que no final conseguiram derrubá-la no chão. Conhecemos os heróis dessa façanha e pode garantir que de alguns deles, não se deveria esperar tal procedimento, principalmente de um, que está empregado em uma das principais casas dessa cidade e cujo amo é um modelo de respeito e cordialidade (BRADO DO SUL, 2 jan. 1859, p.2)

Naquele mesmo ano e local, no domingo de 22 de maio, foi relatado mais uma vez pelo jornal, um escândalo ocorrido no leilão do Espírito Santo. Quando famílias lotavam a igreja matriz, apareceram uma dezena de moleques que segundo relato, se divertiam em cortar os vestidos e capas das senhoras, que correram ao delegado de polícia clamando pela punição dos moleques, indiciados por inutilizaram diversas peças de seda e veludo.

A maioria das freguesias centrais possuía sua malta de peraltas, muitos desses menores estavam ligados a algum ofício, mas com frequência conseguiam impor o próprio ritmo ao trabalho alternando as obrigações com as aventuras que a rua oferecia (FRAGA FILHO, 1996, p.112-113) Sem sombra de dúvida, que em dias festivos e santos as multidões que aglutinavam as ruas, serviam como chamariz para as travessuras desses jovens, mas não seria inconcebível pensar que através dessa branda permissividade e circularidade, vários desses moleques incrementavam suas rotinas com jogos e brincadeiras.

Considerando a narrativa, sendo escrita na perspectiva da elite política, intelectual e econômica da sociedade sulista, percebemos o tom de repúdio e medo em cada palavra descrita, vinculando sempre a presença dos moleques à necessidade de uma supervisão e policiamento que seja capaz de garantir os “bons costumes” e a segurança dos “bem nascidos”. Porém, esse repúdio não está isolado fora do campo da socialização, esse contato e disputa pelo espaço pública

compôs um discurso que fomentou a segregação e criminalização da juventude negra, ao menos, desde o século XIX.

#### 4. CONCLUSÕES

O Constitucional, no dia 28 de julho de 1873, separou uma sessão em sua página principal para clamar as autoridades que acabassem com as aglomerações e jogatinas dos moleques nas ruas. “Ontem observamos, na praça da alfândega, um imenso número de negros, moleques e crianças, entretidos na jogatina (...) Essas crianças pervertem-se, os negros e moleques faltam as suas obrigações, para com seus senhores e amos. Disperse a polícia, como é conveniente, semelhantes grupos de jogadores vadios, evitando além do exposto, desordens ou conflitos, que se podem dar” (O CONSTITUCIONAL, 28 jul. 1873, p.3).

O excerto demonstra que a preocupação da circularidade da juventude negra está relacionado com um julgamento quanto à moralidade dos moleques, “pervertendo-se” a comportamentos mal vistos e se desvinculando dos seus ofícios. No final do século XIX, essa narrativa ganha força, essa disputa pelo espaço público culminou na criminalização da juventude negra. Fortificamos esse argumento quando analisamos a questão da maioridade penal. Para a primeira metade dos Oitocentos, o Código Criminal do Império decretava a maioridade penal em 14 anos, já na transição para a República, no final do século XIX, a maioridade baixa para 9 anos e a partir do debate na câmara dos deputados sobre tal questão: “A comissão estabeleceu essa taxa para a penalidade dos menores, segundo diz, em virtude do aumento crescente dos crimes por eles cometidos” (ANAIS DA CÂMARA DOS DEPUTADOS, 7 de agosto de 1897, Rio de Janeiro, p.111)

A quantificação dos crimes não é a questão em voga, pois no levantamento da criminalidade negra durante o século XIX, encontramos cerca de 150 processos (dados do Rio Grande do Sul), neles a ínfima minoria apresentava as crianças e jovens como réus, ou seja, os moleques sofriam muito mais violências do que cometiam, fato que não se manifesta na imprensa tradicional da época.

Quanto as peraltices, circularidade e desaforos, na ótica desses jovens, pode significar o desacato, rebeldia ou desobediência frente à estrutura cruel e nociva da escravidão no Brasil, uma forma de manifestar-se em um mundo que pretende, a partir do discurso, consolidar sua segregação.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FRAGA FILHO, Walter. **Mendigos, moleques e vadios na Bahia do século XIX**, São Paulo: Hucitec, 1996.

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e Mucambos: introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil**. Rio de Janeiro: Record, 1990.

REIS, João J. **A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX**. Companhia das Letras, 1991.

YOUSSEF, Alain El. **Imprensa e Escravidão. Política e Tráfico Negro no Império do Brasil. Rio de Janeiro. 1822-1855**. Intermeios. 2016

Fontes:

**O BRADO DO SUL**, 2 jan. Pelotas, 1859, p.2

**O CONSTITUCIONAL**, 28 jul. Porto Alegre, 1873, p.3

**CHRONICA**, Porto Alegre. 20 de março, 1853, p.3

\_\_\_\_\_ . 20 mar. 1853, p.10-14